
RESENHA: OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Rodrigo Peixoto¹

<https://orcid.org/0000-0003-3083-8771>
<https://lattes.cnpq.br/9872938064820413>

RESUMO: Olhos d'água mostra o Brasil hierarquizado em raça, gênero e classe, marcadores sociais que inferiorizam, segregam e desumanizam. Conceição Evaristo recobra às personagens que inventa a condição humana negada com a escravidão e o racismo que se prolongam na realidade de hoje. Evaristo toma o ponto de vista dos de baixo, de onde ela também vem, de uma maneira a dotar pessoas vulneráveis de algum protagonismo, apesar da precariedade da vida que levam e das estreitas alternativas que têm. Evaristo é observadora do cotidiano, repara as pessoas com atenção e tira do seu ângulo de observação uma leitura sensível da realidade. Dessa observação da realidade brotam a sua ficção e suas personagens. Sua escrita mostra as circunstâncias sofridas de pessoas afro-brasileiras, dando visibilidade à vivência sobretudo de mulheres, cada qual na sua própria conjuntura, mas todas igualmente achatadas pelo contexto racista e sexista da nossa sociedade. O livro é emocionante tanto pelo conteúdo como pela estética fina e sensível. Constitui excelente pedagogia para relações raciais no Brasil e material didático para o ensino básico e particularmente para a educação escolar quilombola.

ABSTRACT: Olhos d'água shows Brazil as a country divided by race, gender, and class, social markers that inferiorize, segregate, and dehumanize. Conceição Evaristo restores to the characters she invents the human condition denied by slavery and racism, which continue to exist in today's reality. Evaristo takes the point of view of those at the bottom, where she herself comes from, in order to give vulnerable people a sense of agency, despite the precariousness of their lives and the limited alternatives they have. Evaristo is an observer of everyday life, she watches people closely and draws a sensitive interpretation of reality from her perspective. Her fiction and characters spring from this observation of reality. Her writing shows the suffering circumstances of Afro-Brazilian people, giving visibility to the experiences of women in particular, each in their own situation, but all equally crushed by the racist and sexist context of our society. The book is touching both for its content and its refined and sensitive aesthetics. It may be an excellent teaching tool for racial relations in Brazil and educational material for basic education, particularly for quilombola school education.

¹ Professor no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFGA), coordena o projeto de pesquisa CNPq "AWASURARA: Quilombolas e Indígenas nos territórios e na universidade". Trabalha com metodologia, cartografia social e educação quilombola. Elabora e submete propostas coletivas com estudantes quilombolas e indígenas para financiar projetos e políticas.

Olhos d'água – Resenha

Com poesia, Conceição Evaristo recobra às personagens que inventa a condição humana negada com a escravidão e o racismo que se prolongam na realidade brutal de hoje. Evaristo tece sua escrita com ternura, mas também cortando na carne, sem meias palavras. Toma o ponto de vista dos de baixo, de onde ela também vem, de uma maneira a dotar pessoas vulneráveis de algum protagonismo, apesar da precariedade da vida que levam e das estreitas alternativas que têm. Sua construção literária engajada produz empatia e aproxima o leitor das sofridas circunstâncias de pessoas afro-brasileiras, dando visibilidade à vivência sobretudo de mulheres, cada qual na sua própria conjuntura, mas todas igualmente achatadas pelo contexto racista e sexista da nossa sociedade. O livro é emocionante tanto pelo conteúdo como pela estética fina e sensível.

Como diz Jurema Werneck, na Introdução de Olhos d'água, “Conceição Evaristo inventa este mundo que existe” (Werneck, 2016, p. 14). O livro é assim uma ficção construída politicamente com foco em mulheres pretas, pobres e desumanizadas. A dor e a violência, mas também o desejo de coisa melhor, estão sempre presentes nas situações vividas pelas personagens que povoam os contos. São principalmente mulheres na condição afrodiaspórica que sobrevivem em duros contextos que oferecem quase nenhuma escolha. Ainda assim, um traço relevante a unir todos os contos, no escasso espaço que a vida lhes dá, as personagens procuram inventar jeitos de existir menos tristes: “era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas” (Evaristo, 2016, p.17). Essa busca dá a Natalina, Ana Davenga, Duzu-Querença, Cida, Luamanda e Zaíta, entre outras personagens construídas nos quinze contos do livro, um caráter forte de resistência, possivelmente um componente da nossa cultura afro-brasileira presente em muitas outras mulheres vivendo circunstâncias de alguma maneira parecidas.

Lágrimas, mas sem sentimentalismos, com a palavra feliz aparecendo com frequência. No conto que dá nome ao livro, em que a escassez é sublinhada por expressões como “panela cheia de fome”, “sonho de comida” e “desejo de alimento”, quando havia nenhum, a filha, que conduz a narrativa, contempla os olhos da mãe e vê “lágrimas e lágrimas”, e, entretanto, também vê que “ela sorria feliz” (Evaristo, 2016, p. 18). Essa oposição de sentimentos, um real socialmente imposto e outro um real subjetivamente inventado, mas nem por isso menos

real - forjado pela resistência de existir como “nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue” (idem) -, é uma tônica do livro. As personagens criadas por Conceição Evaristo, assim como ela mesma na sua escrita humanizadora, inventam para si e os seus um mundo menos cruel. Um mundo mais amoroso e acolhedor. “A cor dos olhos da minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum!” (Evaristo, 2016, p. 18-19)

Em Olhos d’água, o Brasil é revelado na sua particular hierarquia que combina raça, gênero e classe para inferiorizar, segregar e desumanizar. Os contos apontam violências de diversos tipos. Mostram também pessoas em situações limite, equilibrando dores e afetos, na fronteira entre desespero e alento, com uma capacidade enorme de juntar forças para se rebelar contra o apequenamento que a realidade impõe. E então, de alguma maneira, as personagens se elevam a uma condição de grandeza e brio, apesar de tudo. Essa resistência talvez seja uma particularidade nossa. Só muito lentamente o mito da democracia racial vai sendo demolido aqui, para o que contribuem essa resistência cotidiana e as escrevivências de Conceição Evaristo, cujo texto promove uma ação política de restituição da humanidade roubada pela escravidão e o racismo.

Essa ação política ela declara no livro *Escrevivência: a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (Duarte; Nunes, 2020) onde contribui com um artigo: “Por isso, afirmo: ‘a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (idem, p. 30). A aguda escrevivência de Conceição Evaristo é feita para incomodar, para nomear o racismo e o sexismo que está conosco desde a Mãe Preta, as assim chamadas mulheres escravizadas que tinham a obrigação de amamentar os filhos biológicos dos senhores e sinhás, e contar histórias para fazê-los dormir, além de outros trabalhos que a condição impunha.

A figura histórica da Mãe Preta, nossas arquetípicas amas-de-leite, que sacrificavam tempo e cuidados com os próprios filhos biológicos para cuidar dos filhos dos senhores brancos, está no nosso berço. “A escravidão é nosso berço” (Souza, 2017, p. 36). Os sacrifícios e as violências sofridas pela mulher preta e pobre continuam, e ainda assim ela consegue exercer nesse torrão injusto alguma forma de autonomia: “O tiro foi certo e tão próximo que Natalina pensou estar se matando também (...) guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada. Guardou mais do que a coragem da vingança e

da defesa. Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. Poucos meses depois, Natalina se descobria grávida” (Evaristo, 2016, p. 50).

Corpo-território, “corpo materno percebido como parte do território próprio” (Segato, 2006, p. 15), onde Natalina, na “sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu” (p. 44), exerce algum poder de agência num mundo estruturado pelo racismo e pelo sexismo que a achata na “zona do não-ser” (Fanon, 1961). Um agente “é um ser humano capaz de agir de forma independente em função de seus interesses” (Asante, 2014). No exíguo tempo e espaço de ação que dispunha, Natalina agiu e exerceu sua escolha. Nos outros ela concebeu como objeto, este filho ela queria, por isso “sorriu feliz” (Evaristo, 2016, p. 43). Neste conto triste, intitulado “Quantos filhos Natalina teve?”, vale notar de novo que a palavra feliz aparece muitas vezes. Assim, Conceição Evaristo mostra um Brasil que oscila entre realidade e desejo, entre dor e sonhos de felicidade e bem viveres.

A escrevivência de Conceição Evaristo é “profundamente marcada pela experiência de mulher negra na sociedade brasileira”, como ela afirma em um vídeo que vale muito a pena ver (Evaristo, Escrevivência, <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxeVY>). Nele, ela fala que é inspirada em cenas do cotidiano, que sua escrita vem de dentro, de quem conhece o lugar da subalternidade. Assim, desse ponto de vista, ela nos aproxima de uma compreensão da condição humana e social de quem busca frestas de humanidade num mundo inumano. As experiências do povo negro que ela transmite na ficção dos seus textos literários trazem memórias da escravização e de “um passado que não terminou, um passado que não foi expurgado, nem em termos emocionais, nem em políticas concretas” (idem). O livro Olhos D’água é didático porque informa de maneira contextualizada e sensível sobre os racismos que atravessam nossa realidade.

Evaristo é observadora do cotidiano, repara as pessoas com atenção e tira do seu ângulo de observação uma leitura sensível da realidade. Dessa observação da realidade brotam a sua ficção e suas personagens. Seu olhar filtra afetos no limiar do atroz, ela tem empatia com pessoas vivendo nesses limites e transfere essa empatia a suas personagens atormentadas. Assim, sua escrevivência humaniza e transforma a própria realidade: “A maneira como você usa a linguagem pode fazer desse fato extremamente cruel, você pode

construir ele de tal forma que você humaniza, vou dizer entre aspas, o próprio marginal” (Evaristo, Escrivência, <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>). .

O exemplo que ela traz no vídeo aqui referido é o de um soldado do tráfico que joga a sua arma para trás para abraçar o filho que a jovem mãe trouxe ao encontro do pai. O ponto de vista da autora revela a poesia da cena que ela assistiu e mostra o jovem negro, tratado pela polícia como muitos outros pelo critério de “bandido bom é bandido morto”, num gesto de afeto e carinho que nos faz refletir, indagar e discordar das políticas concretas. “O olhar que perdurou para mim foi o de um pai bastante jovem abraçando o filho” (Evaristo, Escrivência, <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>).

Nos contos de Olhos d’água a humanidade das personagens, construídas em diferentes contextos desumanizantes, é colocada sempre em evidência, porque Evaristo crê “que a humanidade é de pertença de cada sujeito” (2020, p. 31). A humanidade está no desejo do encontro, na fantasia que afasta a dor para dar lugar a algumas gotas de alegria, na celebração da vida apesar da morte tão vizinha, na tenacidade de pessoas despossuídas em insistir na própria humanidade. Gozo e pranto, alegria e sofrimento se misturam em Ana Davenga, “tão viciada na dor”, mas guardando felicidades no seu coração na primeira vez em que celebrava seu aniversário. “Era tudo tão doce, tão gozo, tão dor!” (Evaristo, 2016, p. 23), diz ela, que sabia dos riscos que corria ao lado do seu homem, mas achava que “o risco maior era o de não tentar viver” (idem, p. 26).

A fina escrita de Conceição Evaristo desenha cenas de uma maneira tão palpável que é como se estivéssemos ali a ver: “Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria” (Evaristo, 2016, p. 32). É extraordinária esta arte de escrita que cria uma realidade 3D na nossa imaginação. O texto está pronto para se tornar um vídeo.

E é admirável como ela recupera a história e os caminhos de Duzu Querença e a torna uma personagem digna de atenção, quando o normal é o passante desviar o olhar, por desprezo ou asco, e ignorar pessoa assim decaída. Na sua arte de escritora, Conceição Evaristo se transporta para dentro da personagem para descrevê-la na sua fantasia para “ludibriar a dor” (Evaristo, 2016, p. 35). Toda essa sensibilidade e carinho para elevar a pessoa normalmente desprezada emociona o leitor. “Se as pernas não andam, é preciso ter

asas para voar” (idem, p. 32). Duzu “se sentia como um pássaro (...) sobrevoava o morro, o mar, a cidade. As pernas doíam, mas possuía asas para voar. (...) Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor.” (idem, p. 35). Duzu logrou inventar uma ficção de realidade para se sentir um pouco feliz.

A escrevivência de Evaristo é uma ficção que vem das realidades e nos leva de volta a elas. A história da personagem Duzu Querença reporta histórias semelhantes de outras meninas que vêm do interior para a capital com o sonho de estudar e acabam virando “crias de família” - um disfarce para a condição de empregada doméstica em tempo integral e, além disso, muitas vezes assediadas pelo patrão. Ocorre também dessas meninas acabarem em prostíbulos, assim como aconteceu com Duzu. De fato, uma realidade em Belém do Pará e certamente em outras cidades de um Brasil em que a colonialidade se prolonga em formas várias de racismo.

Difícilmente são histórias de sucesso, quase sempre é de derrota o percurso da grande maioria das mulheres afro-brasileiras. Conceição Evaristo, embora prefira que as pessoas deem mais atenção à sua obra do que à sua biografia (vídeo), vem desse extrato sócio racial:

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946. Sua mãe, Joana Josefina Evaristo, a teve na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Segundo relato da própria Conceição, trata como pai a Aníbal Vitorino, que se tornou seu padrasto ainda na infância. De ascendência angolana, beninense, nigeriana, serra-leonina, ugandense, sul-africana, norte-africana e indígena, viveu seus primeiros anos na favela do Pendura Saia, uma comunidade extinta na década de 1970, localizada da zona sul de Belo Horizonte. Sua família era muito pobre e numerosa, tendo nove irmãos, sendo a segunda mais velha (Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Conceição_Evaristo).

Ou seja, ela sofreu na pele a condição de mulher preta e pobre, trabalhou como doméstica e conseguiu concluir o ensino médio com 25 anos. Um feito para orgulhar tantas outras mulheres afro-brasileiras que enfrentam circunstâncias parecidas. Portanto, não só a obra como também a vida de Conceição Evaristo merece estar nos materiais didáticos das nossas escolas.

Nos últimos anos, na verdade desde 2012, com a Lei nº 12.711/2012, que reservou 50% das vagas nas instituições federais para estudantes de escolas públicas, com critérios específicos para autodeclarados pretos, pardos, indígenas e quilombolas, além de estudantes com deficiência, as políticas de ação afirmativa das universidades, como uma lufada de luz, têm criado possibilidades de afro-brasileiros e outras pessoas socialmente marginalizadas

brilharem como querem e merecem e assim saírem dos lugares opacos e cruéis que a estrutura racista lhes reserva. Portanto, uma política concreta a que a autora se refere e demanda para expurgar um passado que não terminou. A grande maioria, no entanto, continua à margem.

No limite, a marginalização leva ao delírio de imaginar alguma forma de se distanciar do real e reinventar uma vida outra. Duzu, viajando dias e dias, chegou à cidade, onde ainda menina foi trabalhar numa casa de muitos quartos onde moravam muitas mulheres que ela achava bonitas, onde ela também fez fregueses e fama, além de muitos filhos, até se colocar como mendiga na porta de uma igreja. O olhar de Conceição Evaristo joga luz, ilumina a mendiga Duzu e a faz voar. Uma escrita cheia de compaixão e generosidade.

Evaristo fala a partir da sua experiência e da vida de pessoas que ela vê e compreende nos sentimentos e emoções porque está próxima delas. Ela fala de si, mas não apenas de si mesma, como se fosse um Narciso individualista a admirar o próprio rosto no espelho d'água. O que se reflete na mirada de Evaristo na direção da sua própria vivência é todo um coletivo de pessoas situadas nas margens, a plebe, a arraia-miúda que pena para sobreviver. Por isso sua escrevivência ecoa e fala tanto a corações igualizados pela rebaixante hierarquização racial, de classe e gênero. “Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar (...) Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhar as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço.” (Evaristo, 2016, p. 39).

A escrevivência de Conceição Evaristo ressoa em muitos corações, entre pessoas pretas que sentem na pele o racismo e também entre pessoas brancas que pelo texto conseguem sentir um pouco o que não sentem de fato na pele. Ressoa porque ela não omite as muitas possibilidades de encontro e de amor. E porque sua escrita considera a oralidade, a linguagem oral do povo e assim fala a mesma língua. Sua linguagem é trabalhada para ser popular, para transitar nesse meio e alcançar estética e emocionalmente um público sensível a essa realidade, seja porque a vive ou porque a reconhece como algo a ser enfrentado ou vivido. Salinda “estava aprendendo um novo amor (...) O amor pedia o direito de amar, somente (...) a felicidade lhe era servida em conta-gotas (...) de represas de felicidade inteira (...) Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas (...) o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer.” (Evaristo, 2016, p. 51 -57).

Escrita que traz revelação, denúncia, um projeto implícito de transformação da dor em bem-viver, uma escrita em que a autora sente a dor das suas personagens, e isso se revela quando ela diz que “escrever é sangrar”. Como a gente também não sangrar quando lê uma frase assim?: “A morte brinca com balas nos dedos gatilhos dos meninos. Dorvi se lembrou do combinado, o juramento feito em voz uníssona, gritado sob o pipocar dos tidos: - A gente combinamos de não morrer!” Como não sangrar quando a gente vê o corpo da menina Zaíta sangrando no chão?: “Ela procurava (...) somente a sua figurinha-flor ... Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina” (Evaristo, 2016, p. 76). Como não sangrar com a história do pivete Lumbiá e quase literalmente ver o corpo dele amassado no asfalto, junto com a imagem do “Deus-menino”? “O sinal! O carro! Lumbiá! Pivete! Criança! Erê, Jesus Menino. Amassados, massacrados, quebrados! Deus-menino, Lumbiá morreu! (idem, p. 86).

Afro-brasileiro tudo isso que está na coletânea de contos de Olhos d’água. Pivetes vendendo amendoim e chicletes nas ruas é Brasil. A sobrevivência da pessoa de origem africana dando nó em pingo d’água, porque o cotidiano não oferece escolhas, mas é preciso procurar uma solução, é Brasil. Muito brasileira essa realidade que submete mulheres, homens, crianças e adolescentes à violência da superioridade branca e da inferioridade negra. Há que procurar alternativas, para o bem ou para o mal. Os papéis que essa lógica cruel impõe são subalternos, mas ainda assim as personagens buscam agência, essa capacidade de conseguir algum protagonismo no mundo hostil. É provavelmente brasileira essa capacidade de reinventar a vida todo dia. “Enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução” (Evaristo, 2016, p. 114).

É concisa e significativa esta última frase do conto “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, que fala de escassez e tristeza, mas, enfim, de alegria, que é o sentido da iourubá palavra ayoluwa. No fundo a força da alegria que vem em virtude do nascimento de uma criança em comunidade desesperançada, onde o primeiro choro acordou todo mundo e fez tudo mudar: “Tomamos novamente a vida com as nossas mãos” (ibidem). Esse é um fundamento da escrevivência, que traz racismo e dor, mas também ancestralidade, resistência, luta e libertação. A esperança, simbolizada pela personagem Bamidele, cuja gravidez leva a comunidade a “acreditar novamente no valor da vida”, sabendo de todas as dificuldades a

enfrentar, é um valor pedagógico. A obra de Conceição Evaristo é inspiradora. Agora que a educação quilombola está conquistando o ensino médio regular e as escolas dos territórios estão em processo de formação de professoras/es e de elaboração de currículos e materiais didáticos contextualizados, o livro *Olhos d'água* é uma indicação necessária para o ensino da cultura e da história afro-brasileira nas escolas.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade; notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade** [recurso eletrônico]: uma abordagem epistemológica inovadora / Nascimento. - 1. ed. - São Paulo : Selo Negro, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Escrevivência, <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>). s.d.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

SEGATO, Rita Laura. O Édipo Brasileiro: a dupla negação de gênero e raça. **SÉRIE ANTROPOLOGIA 400**. Brasília: UNB, 2006. Disponível em <http://dan2.unb.br/images/doc/Serie400empdf.pdf>.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão á Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

WERNECK, Jurema. Introdução. In: **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

WIKIPEDIA. **Conceição Evaristo**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Concei%C3%A7%C3%A3o_Evaristo.